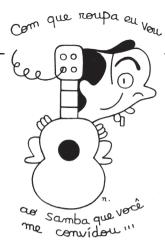
Dossiê... Música brasileira



Assim não dá!...

Júlio Medaglia

Inexiste na história da humanidade um espaço de tempo tão repleto de acontecimentos inéditos como o século XX. Isso não significa, evidentemente, que o ser humano atual seja mais inteligente ou criativo, mas um dado é incontestável: ainda que a evolução social e tecnológica obedeça a uma certa regularidade, a uma progressão lógica (em proporção logarítmica), um indivíduo que tenha presenciado o decorrer deste século acompanhou - provavelmente em êxtases sucessivos... - o aparecimento do rádio, do cinema (preto-e-branco, sonoro e em cores), da televisão, do disco, da edição em cores, do telefone, do telégrafo sem fio, do automóvel, do computador, etc., etc. Mesmo tendo muitos destes fenômenos surgido no final do século passado, eles são, em realidade, frutos deste, era da industrialização efetiva, da produção em linha, do acesso dos bens de consumo (materiais ou espirituais) a camadas infinitamente maiores da população. E não resta a menor dúvida que, nesse mesmo período, a sucessão de valores culturais se deu em proporções não menos aceleradas. Em 50 anos deste século conheceu-se mais "ismos" do que nos 500 anteriores. Ainda que não se deixe de tocar Stravinsky em favor de Stockhausen pelo fato deste ser "mais novo", semelhante ao que ocorreu com a eletrificação do trem que sepultou a máquina a vapor ou com a minicalculadora que substituiu as monstruosas máquinas de somar à alavanca, os reflexos dessa rápida evolução tecnológica na criação artística são evidentes e encerram inúmeras analogias.

Mas não apenas a criação artística se viu beneficiada pelas grandes revelações tecnológicas modernas. O público também aprendeu a agilizar sua capacidade de percepção diante do verdadeiro bombardeio de informações a que foi submetido em seu dia-a-dia urbano pelos modernos meios de comunicação. Mas este fato, a meu ver, mais que novas soluções, criou outros problemas para o artista. Acostumado a produzir ao ritmo e ao sabor de sua musa, ele tem agora um ávido mercado que lhe corre atrás, o qual, em curto espaço de tempo, digere sua contribuição. Essa nova dinâmica nas relações produção-consumo na área cultural parece não ter sido ainda devidamente implantada ou assimilada. O que se tem presenciado é o surgimento de fenômenos de base ou pretensões meramente empresariais, com o passar do tempo, ganharem status cultural e não o contrário. Hollywood, por exemplo, foi montada para fabricar, dentro dos mais rígidos processos industriais, entretenimento popular e dar lucro - tanto quanto uma fábrica de pneus - e, no entanto, tem hoje inúmeros de seus produtos cultivados em cinematecas, analisados e mitificados por exigentes intelectuais. Tais produtos adquiriram, inclusive, uma "aura" cultural e artística até mesmo simbólica de nossa era - algo inimaginado por aqueles judeus foragidos do comunismo ou do nazismo no momento em que edificavam aquela usina. Mas mesmo nestes trístes trópicos, quantas vezes liga-se a TV e presencia-se preciosos momentos de inspirada criação artistica (ainda não reconhecida), sofisticado profissionalismo e corajoso marketing empresarial em anônimos vídeo-clips de 30 segundos que em nossa casa comparecem com a precípua função de vender sabonetes...

Mas, voltando à música, a idéia de um produto de consumo de massa que se torna criativo e se sofistica, adquirindo importância cultural independente de seu âmbito ou do "olhar benevolente" dos representantes da "cultura superior", já ocorreu neste século antes mesmo da explosão

JÚLIO MEDAGLIA é maestro, compositor e autor de Música impopular (Editora Global).



Chiquinha Gonzaga, compositora e maestrina, trazendo no pelto um broche com os primeiros compassos de "Walkyria", valsa de A corte na roça

dos meios de comunicação: o *jazz*. Nascida na espontaneidade festiva dos botequins que alegravam os momentos de folga dos marinheiros do Mississipi, essa música evoluiu, sofisticou-se e atingiu níveis de elaboração técnica e diversidade expressiva inusitadas. Mas na segunda metade deste século, após a invenção do transistor e do uso da eletricidade na composição musical – depois de milhares de anos em que o homem raspava uma corda, soprava num pau furado ou martelava um tambor com esse objetivo – um outro movimento musical de origem eminentemente popular expandiu-se, lançou mão das mais novas tecnologias de criação e veiculação sonora e extrapolou, em suas influências, o universo estritamente sonoro; o *rock*.

No final dos anos 60, essa música deixou de ser dançada, dilatou em proporções inimagináveis seus repertórios técnicos e de idéias, rompeu com regularidades, convenções, com sua própria tradição e passou a ser – guitarra em riste – a mais poderosa arma de metamorfose social.

O Brasil não apenas reagiu bem a essas provocações extremamente vivas da cultura musical popular, como apresentou soluções próprias e extremamente originais. E nem poderia deixar de ocorrer num país como o nosso, possuidor do mais vasto repertório de motivos culturais populares, espontâneos, e anônimos, do ocidente. À forte e rica instrumentalidade jazzística, nós reagimos com os nossos endiabrados pianeiros — Nazaré, Carolina Cardozo, Tia Amélia, Chiquinha (esta Scott Joplin de saias) — e demais *virtuoses* chorões — Pixinguinha, Benedito Lacerda, Dilermando, e tantos outros. E se, naquele país do norte, uma infinidade de intérpretes vocais relatava com melancólico vigor em tom de *Blues* uma realidade social e, com uma inédita e ritmada alegria, um canto religioso afro-americano, nós aqui, em tom de *blague*, e sofisticada crônica de costumes — com Noel, Lamartine, Kid Morengueira e outros — procurávamos não levar a sério a nós mesmos naquela mais descontraída nação pré-milagre econômico.

Mas se o *rock* orientou sua potencialidade, em ritmos e decibéis, no sentido ideológico exercendo influências transformadoras que fizeram dos anos 60 uma década marcante neste século, o tropicalismo, sem fazer panfletagem sonora, soube excitar os mais variados segmentos de nossa movimentação cultural, ao mesmo tempo que sua força expressiva tirava o sono dos militares que nos comandavam. Apesar de falarem apenas no sol azul de Amaralina e rebolarem como Carmem Miranda, os líderes desse movimento foram encarceirados e humilhados, enquanto a esquerda festiva, que vociferava frases de efeito em festivais, sequer foi incomodada (numa clara demonstração de que os milicos tinham os olhos um pouco mais abertos do que se pensava e sabiam onde residia o "perigo" naquele momento).

Mas, as facilidades e as dimensões do consumo daquela cultura popular eram tais que seus componentes, com toda sua força expressiva e vivacidade, se desgastavam com rapidez. Com o correr dos anos 70, o time da guitarra em riste tentou reciclar suas materias-primas fazendo incursões em novos universos culturais. Alguns alojaram-se no oriente, outros desenvolveram pesquisas nos países árabes, na música latina, muitos cavocaram o vasto repertório da música de concerto, outros ainda tentaram associações com os demais meios de comunicação - sobretudo o cinema, inicialmente - e assim por diante. Esse rock-70, porém, ainda que bem equipado e produzido, tecnicamente mais elaborado, por não contar com certas "inquietações" de natureza humana, social, digamos assim, resultou algo "formalista". O LP de 75 do grupo "Emerson, Lake & Palmer" chamava-se Works - expressão melhor cunhada para a música clássica do que para um fenômeno de guitarras elétricas para adolescentes. Num dado momento, fazia-se mais rock no Royal Festival Hall do que nos campos da ilha Wight... Assim sendo, a molecada reagiu aquele estágio de mera e estática "curtição sonora", pondo-se a dançar novamente com os molejos rapidamente criados pela indústria fonográfica com o nome de discoteque. Como as máquinas não podem parar, no início dos 80, com a inexistência de novos ou fortes motivos ou lideranças, recuperou-se o rock linear - pré-Sargeant Pepper's, pré-Woodstock. O resultado foi uma manifestação musical apenas frenética e brega, destituída de interesse de qualquer natureza (exceto mercadológico, evidentemente), que dura até hoje. No Brasil, esse esvaziamento da cultura popular não foi menos melancólico. Já no correr dos 70, as lideranças da MPB abandonavam a antiga inquietação e mesmo aquele aparente "compromisso" que demonstravam ter com nossos valores culturais ou movimentação política, acomodando suas carreiras aos moldes do show-bizz convencional, repletos de gracinhas e beijinhos freneticamente atirados às platéias do Canecão.

A conclusão que se pode tirar desse balanço é a de que, com a velocidade atual do consumo, de um lado, e com as facilidades e infinitos recursos que a tecnologia coloca à nossa disposição, de outro, elevou-se sobremaneira o nível da solicitação ao autor — seja ela em termos quantitativos como em sua capacidade de reciclagem de idéias. E se esse nível de solicitação não for correspondido, o esvaziamento e a letargia (devidamente emoldurada em boleros em todos os ritmos) serão inevitáveis. Assim ocorrendo, as tais "máquinas" — tão execradas pelos "incompreendidos" — as gravadoras, as rádios, as TVs — acabam por "inventar", a sua moda, o "objeto cultu-



Encarte do LP Works (volume 2), da banda pop Emerson, Lake & Palmer; a partir da esquerda: Keith Emerson, Greg Lake e Carl

ral", invertendo assim os papéis - de veiculadoras a produtoras do fato artístico. E aqui seria bom lembrar uma das mais precisas e dramáticas manifestações de Villa-Lobos nos anos 30. Nessa época, frequentando gabinetes dos mais diversos políticos, ele tentava insistentemente convencêlos de que seria da maior importância a implantação do ensino musical nas escolas via canto orfeônico. Segundo ele, se não alfabetizássemos essa "rebelde musicalidade" do povo brasileiro, a "música de repetição" em franco desenvolvimento – ele se referia ao rádio e ao disco, à indústria cultural, enfim - poderia manipular a seu bel-prazer a nossa formação artística, pois a velocidade da produção - opinava ele com outras palavras - nem sempre teria o suficiente tempo ou cuidado para selecionar o que seria culturalmente de mais interesse para o nosso país. É evidente que sua alma não descansa em paz, pois o ensino musical que havia se iniciado no estado de São Paulo e em seguida implantado em todo o país - graças aos esforços do educador Anísio Teixeira - já não mais faz parte do curriculum escolar. Assim sendo, de nada vale nossa tão decantada musicalidade e as milhares e originais formas de expressão espontâneas, se o analfabetismo não nos permite potencializar essa riqueza. O petróleo que se esconde no subsolo dos países árabes tanto pode movimentar as máquinas do mundo (como ocorre) como pode ser usado para acender uma bucólica lamparina. As pessoas, por aqui, continuam encantadas com o lirismo de nossas lamparinas sonoras, sem saber que com um pouco de know-how cultural poderfamos pagar 3 dividas externas e tornar este país - através da música - um pouco mais interessante e respeitável neste ocidente. Agora, apenas jogando beijinhos às tietes do Canecão, não vamos chegar a lugar nenhum...